

REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II: ANÁLISE DE DADOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Kenya Gomes Dutra; Flávia Meira dos Santos; Mayrla Ferreira da Silva; Quézia Teodoro de
Sousa;

Universidade Estadual da Paraíba – (kenyalettras2014@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba – (flavinhaasantos20@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba – (mayrlaf.silva2@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba – (quezia_tv Sousa@hotmail.com)

Resumo:

Considerando que a produção textual consiste na competência de elaborar e redigir textos a partir de reflexões mediadas sobre o que se propõe escrever, essa prática exige um planejamento e metodologias que favoreçam o desenvolvimento dessa competência. Entretanto, é possível perceber que esse é um grande problema enfrentado nas escolas brasileiras, pois as práticas de leitura e metodologias utilizadas em sala de aula geralmente deixam lacunas nas práticas da escrita. Porém, essa é uma das atividades que deveria valorizar o papel do sujeito na sociedade, pois através de seu posicionamento crítico, apresentado em suas produções, o indivíduo tem a possibilidade de interagir e argumentar acerca dos assuntos e problemas enfrentados em seu meio social. Partindo desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar a prática do docente tendo em vista quais os mecanismos e ferramentas que ele se utiliza para trabalhar a produção textual em sala de aula, bem como a resistência e dificuldades apresentadas pelos alunos na modalidade escrita. A metodologia utilizada no primeiro momento se constitui em uma pesquisa bibliográfica baseada em teóricos como Bakhtin (1997), Bonini (1998), Bronckart (1999), Geraldi (1985), Koch (2009), Lajolo (1982), Marcuschi (2002), PCNs (1998) e Travaglia (2009). Dando continuidade, a pesquisa também se constitui na observação do estágio supervisionado em uma turma de 8º Ano do Ensino Fundamental II numa escola da rede pública na cidade de Belém do Brejo do Cruz – PB. Por fim, foi possível perceber que a escola observada se apresenta como um espaço que ainda resiste aos novos direcionamentos de ensino, trabalhando a produção textual com práticas rotineiras e descontextualizadas, sem considerar os conhecimentos prévios do aluno, dificultando assim o processo de ensino-aprendizagem resultando em produções textuais que se configuram de maneira mecânica e sem sentido.

Palavras-chaves: Educação, Ensino fundamental, produção textual.

INTRODUÇÃO

Desenvolver no aluno competências e habilidades para que o mesmo possa produzir textos coesos e coerentes, é uma realidade que ainda está um pouco distante da educação brasileira, pois como sabemos uma educação mais diretiva e descontextualizada, que desconsidera grande parte dos conhecimentos dos alunos, não privilegia a reflexão, aspecto extremamente relevante à produção textual. Além disso, a prática da leitura nessas escolas também é defasada, o que contribui de forma efetiva para que o aluno tenha dificuldades na hora de produzir seus textos. Todavia, é a através do processo da escrita que o discente se coloca na sociedade enquanto sujeito consciente e crítico e por isso o professor deve encontrar métodos e recursos para o trabalho dessas produções.

Partindo dessas ideias, o nosso trabalho tem como objetivo geral analisar a prática do docente observado tendo em vista quais os mecanismos e ferramentas que ele se utiliza para trabalhar a produção textual em sala de aula, bem como a resistência e dificuldades apresentadas pelos alunos na modalidade escrita. Para isso, iremos inicialmente discutir sobre a leitura, os gêneros textuais e a produção de textos e por fim, analisaremos a prática observada em sala de aula.

Nosso trabalho é justificável tendo em vista que, apesar de muitos estudiosos pesquisarem essa área do ensino, ainda faltam lacunas a serem percebidas e preenchidas, essas só são possíveis de serem sanadas através de mais estudos acerca desses assuntos. Além disso, pesquisar sobre esse tema é pertinente levando em consideração o estágio supervisionado, pois perceber as características e dificuldades da produção textual servirão de auxílio para a construção da identidade do docente que futuramente estará atuando em sala de aula.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é composta por duas partes. De início a pesquisa se caracteriza como uma revisão bibliográfica, isto é, foi feito um levantamento em livros, revistas e periódicos a fim de compreendermos melhor sobre a temática a ser discutida. Os teóricos utilizados foram Bakhtin (1997), Bonini (1998), Broncart (1999), Geraldi (1985), Koch (2009), Lajolo (1982), Marcuschi (2002), PCNs (1998) e Travaglia (2009).

A segunda parte da pesquisa, que é constituída a partir de observações do estágio supervisionado, foi realizada em uma turma de 8º Ano do Ensino Fundamental II numa escola

da rede pública na cidade de Belém do Brejo do Cruz – PB. Desse modo, essas observações serão analisadas conforme as discussões abordadas na primeira parte da pesquisa.

2 A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 A LEITURA E A ESCRITA EM SALA DE AULA

A leitura e a escrita são práticas indissociáveis, que estão interligadas por meio da ação verbal e textual, da interação que dialogam entre si. O aluno que torna a leitura uma prática cotidiana enriquece o seu conhecimento e conseqüentemente terá mais habilidade para escrever. Sabendo da importância da leitura, de como essa contribui para a formação e desenvolvimento de um sujeito crítico, podemos perceber uma deficiência desse ato em sala de aula, especialmente nas aulas de produção textual.

Considerando que o ato de ler implica dizer uma atividade que ultrapassa a decodificação, sendo uma oportunidade de desenvolver um sujeito social crítico e defensor de suas ideologias, o docente ao trabalhar um texto antes da escrita, promovendo uma interação, proporciona aos alunos ampliarem suas ideias sobre determinado assunto, pois a leitura é um aspecto fundamental que antecede a produção de textos.

Lajolo (1982) argumenta que o professor, muitas vezes, usa o texto como pretexto, ensinando normas gramaticais e conteúdos decorativos, tornando as aulas de língua portuguesa cansativas e mecânicas, quando o momento deve ser de reflexão e de troca de conhecimentos, construindo um leitor maduro e crítico diante dos textos lidos e interpretados.

Segundo Lajolo (1982, p. 53):

É a maturidade do leitor, constituída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que já se leu, tornando mais profunda a sua compreensão dos livros, das gentes e da vida.

Seguindo o pensamento de Lajolo (1982), é possível perceber a amplitude das estratégias de motivações que podem ser criadas através do ato de ler, com o intuito de proporcionar um ensino produtivo e consciente, pois a cada nova leitura, o aluno ampliará o seu conhecimento. Partindo dessa perspectiva, para que se possa alcançar a maturidade desse ato, é necessário que essa seja trabalhada cotidianamente, ou seja, quando nos embasamos e fundamentamos nossa escrita em algo novo, podemos perceber a mudança que nos é acrescentada, resultantes da prática da leitura.

O papel da escola é proporcionar uma educação de qualidade com recursos que atendam as necessidades de todo e qualquer aluno, contudo, é responsabilidade do professor buscar práticas pedagógicas que despertem em seus discentes o interesse e o prazer em aprender. Apesar de no contexto atual, muito se discutir sobre a educação e de como alcançar bons êxitos através dessa, é perceptível que a brasileira caminha a passos lentos, pois o que se tem visto em muitas escolas são aulas consideradas tradicionalistas que em muito contribuem para o desinteresse de seus alunos.

A produção textual no ensino fundamental é uma das atividades que deveria valorizar o papel do sujeito na sociedade, pois é através de escritos que o indivíduo tem a possibilidade de interagir e se posicionar criticamente acerca dos assuntos e problemas no seu meio social. Porém, essa é uma atividade que de certa maneira evidencia as lacunas apresentadas no ensino de língua materna, pois, muitas vezes, o professor trabalha a modalidade escrita sem atentar para uma discussão e reflexão sobre o que se vai abordar.

Mesmo a escrita sendo de extrema importância, é notável a dificuldade enfrentada por grande parte dos alunos em produzir textos que possam ser considerados coerentes e coesos, essa dificuldade, muitas vezes, perpassa por toda sua vida escolar. Essa importância se dá pelo fato de se considerar a produção de texto como atividade primordial para o ensino e aprendizagem da língua. Geraldi (1993, p.35), considera a produção de textos “como ponto de partida de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua, pois é no texto que a língua se revela em sua totalidade”. Assim, o ensino de língua deve partir do texto, onde se revela todas as nuances dessa, observadas em conjunto e não isoladamente, conseqüentemente a produção textual reflete as competências linguísticas adquiridas nesse processo de ensino e aprendizagem.

Partindo da concepção interacionista de linguagem, que é embasada pelo ensino e aprendizagem da língua materna por meio da interação, Travaglia (2009, p.17), considera “A competência textual é a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formado [...]”. Dessa maneira, o professor deve propiciar aulas mediadas pela interação, objetivando ampliar a competência linguística de seus alunos, oferecendo subsídios para que os mesmos tornem-se aptos a construir e compreender textos de boa qualidade.

Muitas vezes o fato do professor trabalhar a produção de texto sem levar em consideração o contexto de seus alunos, dificulta o aprendizado. Desse modo, é necessário o docente promover uma prática dialógica com leituras e discussões prévias acerca do assunto que se pretende propor à produção textual. A partir do momento que o mesmo se utilizar dessa

prática dialógica, instigando seus educandos à troca de ideias e enfatizando o contexto deles, isso facilitará a compreensão e o desenvolvimento de atividades tornando-as mais claras e objetivas. Pois, um texto se torna inteligível, quando há uma compreensão e uma interação entre os seus interlocutores.

Por fim, é importante ressaltar que para alcançar bons resultados é necessário um trabalho contínuo em sala de aula, oportunizando aos alunos o conhecimento de diversos tipos de gêneros textuais, fazendo da produção de texto uma prática cotidiana e motivadora.

2.2 GÊNEROS TEXTUAIS: A PRODUÇÃO DE TEXTO NO CONTEXTO ESCOLAR

Os gêneros estão presentes em nosso cotidiano de forma textual ou discursiva. Os textos que são unidades linguísticas concretas, possui um sentido e apresenta uma intenção comunicativa, percebidos pela visão (na escrita) ou pela audição (na fala) como, por exemplo: uma música, um poema, uma carta etc . Para atestar esta ideia Marcuschi (2002, p. 17) afirma que:

(...) os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural. Fruto de trabalho coletivo [...], os gêneros são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.

De acordo com esse teórico, os gêneros textuais são entidades sócio discursivas que atendem às necessidades cotidianas de forma dinâmica e maleável, sendo fenômenos sujeitos a mudanças e adaptações ao longo do tempo. Surgem como uma nova proposta para uma prática de produção textual, onde o aluno assume o papel de sujeito crítico, defensor de suas ideias, e o professor como o mediador desse processo de construção do conhecimento.

Enquanto os tipos textuais utilizados em produções de texto são limitados, os gêneros são uma classe de eventos comunicativos que estão ligados ao cotidiano dos alunos. O tipo está relacionado mais à estrutura, isto é, o texto escrito, como narrativo, dissertativo etc; já o gênero é o modo que um texto é apresentado, e esses são inúmeros. Segundo Marcuschi (2002, p. 22-24):

Usamos a expressão gênero textual, como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característicos. Se os tipos textuais são meia dúzia, os gêneros textuais são inúmeros [...]

Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.23-26), afirmam que os gêneros textuais estão ligados ao cotidiano dos alunos, por esse motivo, o professor deve

privilegiar aqueles que fazem parte da sua realidade social e seu universo escolar. Diante as inovações socioculturais e avanços tecnológicos, novos gêneros vão surgindo devido à prática e intensificações das ações comunicativas, pois surgem para atender as necessidades que estão em constantes modificações.

Principalmente com o uso intenso da internet, percebe-se uma crescente quantidade de novos gêneros, com isso surgem novas formas de comunicação e o professor deve estar atento para essas inovações, pois são oportunidades de trabalhar de modo atualizado e dinâmico em sala de aula.

É perceptível que o ensino de língua ainda vem sendo aplicado nas escolas de modo tradicional, ao qual de certa forma desestrutura a competência comunicativa do aluno por dar ênfase a aspectos formais, não levando em consideração o contexto que o indivíduo está inserido e a interação da linguagem que só é possível através do diálogo.

Bonini (1998) acredita que o estudo sobre gênero abre uma possibilidade de mudança desse quadro. Desse modo, esse estudo é visto sob a perspectiva de refletir padrões interacionais da sociedade. Se levarmos em consideração esta proposta poderemos perceber a transformação de sala de aula num espaço de textos, através de atividades motivadoras realizadas nas produções textuais, assim, deixarão de ser uma prática fundamentada apenas na leitura do professor, reproduzindo o que lhes é transmitido, mas permitirão a participação efetiva dos alunos, democratizando o ato de escrever.

Mesmo não mencionando uma opinião de gênero na escola, Bakhtin (1997, p.282) diz que “a natureza do enunciado e as particularidades de gêneros textuais leva ao formalismo e a abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo entre a língua e a vida”. Com isso, o professor ao utilizar a diversidade dos gêneros textuais em sua prática de ensino, enriquece a relação entre seu instrumento de trabalho, o texto e a realidade.

Diante à variedade e infinidade dos gêneros, esses por sua vez resultam em uma heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) que é composta pela junção de vários gêneros textuais. Segundo Bakhtin (2010 p. 25), “pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo...”.

Bronkard (1999, p. 103) argumenta que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Com isso, a escolha de um tipo textual adequado, complementada com a heterogeneidade de gêneros textuais, permite ao aluno, desenvolver um texto considerado bem escrito, coerente e

autônomo no qual o diálogo que antecede a prática escrita, será a base para uma aprendizagem significativa.

Segundo Koch (2009, p. 72):

O nosso conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência: se o texto falar de coisas que absolutamente não conhecemos, será difícil calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituído de coerência.

Seguindo esta perspectiva, fica notória a importância do professor levar em consideração os conhecimentos prévios de seus discentes, partindo de um aprendizado já adquirido para a construção de um conhecimento novo.

2.3 REFLEXÕES ACERCA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE OBSERVAÇÃO

Após tecer reflexões acerca da produção textual em sala de aula, situaremos agora como este conteúdo foi trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa durante o período do estágio supervisionado de observação em uma escola pública da cidade de Belém de Brejo do Cruz – PB.

De início, podemos perceber que a prática do docente se caracteriza pela concepção considerada tradicionalista ou mais diretiva, pois durante este período, suas aulas pautaram-se em atividades voltadas principalmente para aspectos formais da língua, o que dificulta uma possível reflexão sobre os assuntos propostos. O docente ministrou as aulas sempre utilizando o livro didático ou atividades escritas no quadro, não houve a utilização de outros recursos que possibilitassem uma aula mais dinâmica e atrativa.

Considerando que a leitura é um ato imprescindível que antecede a escrita, durante as aulas de produção textual, o que se evidenciou foi certo autoritarismo por parte do docente, pois este impunha a leitura de maneira impositiva, fazendo ameaças de cobranças futuras na hora da avaliação. Desse modo, foi possível perceber que o docente preocupava-se muito mais em relação à gramática, observando se a escrita dos alunos estava “correta”, em detrimento da compreensão das ideias apresentadas no texto.

Essa concepção da norma culta da língua que busca o escrever “certo ou errado” pode provocar no aluno a ideia de ser incapaz linguisticamente de produzir um texto inteligível. A concepção interacionista da linguagem busca trabalhar a língua por meio da interação, porém a prática do docente a contrapõe, pois a relato dos alunos, muitas vezes, o professor

desconsidera os conhecimentos e posicionamentos deles, devendo prevalecer o que aquele apresenta.

Houve uma grande resistência por parte dos alunos em realizar a atividade de produção textual proposta pelo professor, eles alegaram ser uma atividade muito difícil, e as aulas cansativas. Dessa maneira, alguns se recusaram a participar. Os alunos demonstraram bastante dificuldade para desenvolver a atividade de produção textual, a maioria da turma relatou não terem o hábito de produzir com frequência durante as aulas, assim, iniciaram a produção de texto com o auxílio do docente, porém não conseguiram terminar a atividade, o mesmo propôs aos alunos concluírem em casa.

Durante a observação, percebemos então uma prática mais diretiva que não funciona para a produção de texto, pois a repetição de ideias levam os alunos apenas à reprodução. O trabalho que foi feito nas aulas observadas estava de maneira inadequada, pois a leitura solicitada aos discentes não evidenciava a reflexão e sim apenas a decodificação. Desse modo, a escrita se torna uma tarefa árdua aos alunos, tendo em vista que as leituras que os mesmos fazem trazem poucos significados.

CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo discutir acerca da produção textual no ensino fundamental e relatar sobre a experiência do estágio supervisionado de observação. Quanto à produção textual, consideramos que esta é uma atividade que deve ter espaço contínuo nas aulas de Língua Portuguesa, pois através dos escritos, os sujeitos apresentam suas ideias e posicionamentos. Porém, para que haja uma aprendizagem significativa, é necessário que o professor busque metodologias e estratégias para desenvolver competências/habilidades de leitura e escrita nos alunos.

Consideramos a importância de trabalhar a produção textual numa perspectiva dialógica com a leitura e reflexão, partindo do contexto social do aluno, sendo uma prática presente em seu cotidiano, desde o ensino fundamental para que o mesmo não chegue ao ensino médio com lacunas na aprendizagem.

Em relação às análises sobre o estágio supervisionado, podemos observar a importância das práticas docentes em sala de aula, estas podem trazer resultados positivos ou negativos à depender de como contribuíram para o desenvolvimento da competência sócio comunicativa dos discentes. Em suma, podemos perceber que as práticas tradicionalistas que não consideram o contexto do aluno e não trazem recursos didáticos inovadores, influenciam nas

dificuldades e resistências enfrentadas pelos discentes em suas produções, pois estes consideram as aulas cansativas e sem estímulos.

Seria pertinente então, que os professores buscassem fazer um trabalho pautado na perspectiva interacionista, não só nas aulas de produção textual, mas no ensino de língua materna como um todo, pois cada parte se complementa e vem a tona na hora em que o aluno está a produzir um texto, seja em um gênero mais simples como um bilhete, seja um mais complexo como uma carta argumentativa. Quando o aluno tem suas habilidades e competências comunicativas desenvolvidas de forma adequada, ele mostra um bom desempenho nas duas situações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação fundamental. Brasília: Mec/Sef, 1998.

BONINI, Adair. O Ensino de tipologia textual em manuais didáticos do 2º grau para Língua Portuguesa. **Trabalhos em Linguísticas Aplicadas**, 1998.

BRONCART, J.P. Activités langagières, textes et discours: Pour in interactionisme sócio-discursif. [**Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sóciodiscursivo**]. SP: EDUC, 1999.

GERALDI, João Wanderlei. Unidades básicas do ensino de português. In: ____ (org). **O texto em sala de aula: leitura & produção**. 2. Ed. Cascavel: Assoeste, 1985.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. -6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZIBERNAN, Regina (org). **Leitura em crise na Escola: alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Uma proposta para o ensino de gramática**. 14ª ed. São Paulo, Cortez, 2009.